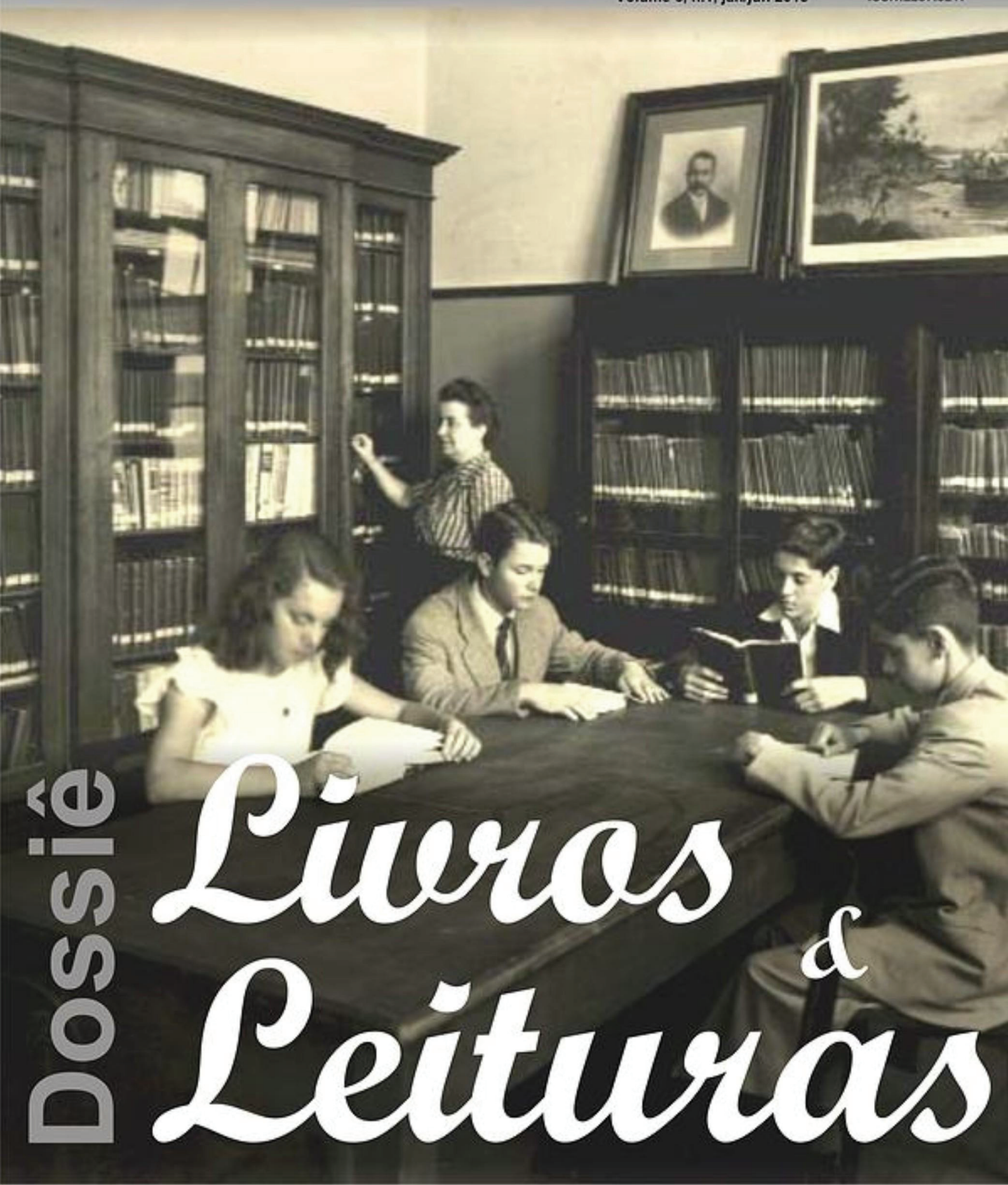




# Mnemosine Revista

Volume 6, n.1, jan/jun 2015

ISSN:2237.3217



Dossiê

## Livros & Leituras

# Mnemosine Revista

Volume 6, n.1, jan/jun 2015

MNEMOSINE REVISTA. Programa de Pós-graduação em História/UFCG  
Vol. 6 – nº 1 Jan/Jul 2015.  
Campina Grande: PPGH, 2015.  
Semestral.  
ISSN: 2237-3217.  
Universidade Federal de Campina Grande. Programa de Pós-graduação em História.

Programa de Pós-graduação em História  
Endereço: Rua Aprígio Veloso, nº 882 – Bodocongó –  
Campina Grande – Paraíba  
BRASIL – CEP:58.429-140  
Telefone: 2101-1742  
E-mail: mnemosinerevista@gmail.com  
Site: <http://www.ufcg.edu.br/~historia/ppgh/>

## **Equipe de Realização:**

Edição de Texto: Alisson Pereira Silva  
Arte: Lays Anorina Barbosa de Carvalho

## **MNEMOSINE REVISTA**

Número 1 - Volume 6 – Jan/Jul 2015

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

Reitor: Prof. Dr. José Edilson de Amorim

## **DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Coordenadora Administrativa: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marinalva Vilar de Lima

## **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Coordenador: Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

## **COMITÊ EDITORIAL**

Prof. Dr. João Marcos Leitão Santos - Editor

Prof. Dr. José Otávio Aguiar

## **CONSELHO EDITORIAL**

Alarcon Agra do Ó (UFCG)

Antônio Clarindo Barbosa de Souza (UFCG)

Elizabeth Christina de Andrade Lima (UFCG)

Gervácio Batista Aranha (UFCG)

Iranilson Buritide Oliveria (UFCG)

João Marcos Leitão Santos - Editor Chefe (UFCG)

Juciene Ricarte Apolinário (UFCG)

Keila Queirós (UFCG)

Luciano Mendonça de Lima (UFCG)

Maria Lucinete Fortunato (UFCG)

Marilda Aparecida de Menezes (UFCG)

Marinalva Vilar de Lima (UFCG)

Osmar Luiz da Silva Filho (UFCG)

Regina Coelli (UFCG)

Roberval da Silva Santiago (UFCG)

Rodrigo Ceballos (UFCG)

Rosilene Dias Montenegro (UFCG)

Severino Cabral Filho (UFCG)

## Sumário

### **Apresentação**

*André Figueiredo Rodrigues* \_\_\_\_\_ 05

### **DOSSIÊ LEITURAS**

#### **A ESCRITA DE JOÃO DE BARROS NO REINADO DE DOM JOÃO III**

*Rubens Leonardo Panegassi* \_\_\_\_\_ 08

#### **A OBRA "O GOVERNADOR DE PRAÇAS" DE ANTONIO DE VILLE TOLOZANO ENTRE AS PRÁTICAS DO GOVERNO ULTRAMARINO PORTUGUÊS NO SÉCULO XVIII**

*Adriana Angelita da Conceição* \_\_\_\_\_ 32

#### **A MONARQUIA PORTUGUESA DURANTE A ILUSTRAÇÃO: BIBLIOTECAS, LIVROS E LEITURAS (1750-1807)**

*Juliana Gesuelli Meirelles* \_\_\_\_\_ 51

#### **JOÃO MENDES DA SILVA, UM JUDEU CARIOCA CONDENADO AO ESQUECIMENTO**

*Francisco Topa* \_\_\_\_\_ 69

#### **DECONSTRUCCIONES Y RECONSTRUCCIONES: LA GUERRA ENTRE INCAS Y CHANCAS EN LA OBRA DE BERNABÉ COBO**

*Clementina Battcock / Sergio Botta* \_\_\_\_\_ 79

#### **LA HISTORIA GENERAL DEL PERÚ DE FRAY MARTÍN DE MURÚA COMO RELACIÓN DE MÉRITOS Y SERVICIOS**

*Patricia Escandón* \_\_\_\_\_ 95

#### **UM FRANCÊS ENTRE MÉXICO E BRASIL: PIERRE VERGER E OS FOTOLIVROS *AU MEXIQUE* (1938) E *BRÉSIL* (1950)**

*Carlos Alberto Sampaio Barbosa* \_\_\_\_\_ 109

#### **A GÊNESE DA FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO NA HISTÓRIA DAS IDEIAS LATINO-AMERICANAS**

*Neuzimar Campos e Silva / Neimar Machado de Sousa* \_\_\_\_\_ 123

#### **UM ISOLAMENTO OPCIONAL: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO IMIGRANTE NÃO INTEGRADO AO BRASIL DA OBRA *UM RIO IMITA O RENO***

*Rodrigo Luis dos Santos* \_\_\_\_\_ 149

**TRANSFORMAÇÕES DE UMA OBRA OU TRANSFORMAÇÕES  
DE UM AUTOR? LATOUR, O DESMEMORIOSO  
(VIDA DE LABORATÓRIO, 1979/1997)**

*Roger Domenech Colacios* \_\_\_\_\_ 164

**ARTIGOS DE FLUXO**

**NÚCLEOS URBANOS NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS:  
ARTISTAS, OFICIAIS MECÂNICOS E VIDA COTIDIANA NO  
TERMO DE VILA RICA**

*Jeaneth Xavier de Araújo / Renato da Silva Dias* \_\_\_\_\_ 183

**A REVOLTA DOS SOLDADOS NA BAHIA EM 1728**

*Gefferson Ramos Rodrigues* \_\_\_\_\_ 203

**CIENTISTAS E VIAJANTES NO INTERIOR PAULISTA:  
A EXPLORAÇÃO DO VALE DO RIO PARANAPANEMA  
PELA COMISSÃO GEOGRÁFICA E GEOLÓGICA**

*Eduardo Giavara* \_\_\_\_\_ 218

**AUTONOMIA E DESENVOLVIMENTO: OS DISCURSOS  
DO BRASIL NA ASSEMBLEIA GERAL DA ONU DURANTE  
A POLÍTICA EXTERNA INDEPENDENTE (1961-1963)**

*Ismara Izepe de Souza* \_\_\_\_\_ 234

**HISTÓRIA, CIÊNCIA, TÉCNICA E AMBIENTE:  
DIÁLOGOS, INTERDISCIPLINARIDADE E  
PROPOSTAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS**

*José Otávio Aguiar / Catarina de Oliveira Buriti* \_\_\_\_\_ 243

## APRESENTAÇÃO

### Livros, leitura e múltiplas interpretações

"A maior parte do tempo de um escritor é passado na leitura, para depois escrever; uma pessoa revira metade de uma biblioteca para fazer um só livro."

Samuel Johnson

As palavras do escritor e pensador inglês Samuel Johnson (1709-1784) permite-nos conjecturar sobre a complexidade existente para se elaborar um texto: de início, a escolha de um assunto e sua consequente pesquisa; depois, a seleção de textos que possibilitem o estudo do conteúdo a ser pesquisado, que pode ser realizada em bibliotecas. A seguir, vem à leitura dos textos selecionados e, por último, a redação.

Hoje, no primeiro semestre de 2015, passados aproximadamente duzentos de cinquenta anos das palavras escritas por Samuel Johnson, e graças aos avanços tecnológicos, o acesso aos textos tornou-se facilitado, muito em decorrência da informática. Para muitos, com o advento e a proliferação da internet, a mudança de suporte, a tela e o teclado – que pode ser do computador, de telefones móveis ou dispositivos portáteis – substituindo o papel e a tinta, aumentou a eficácia no armazenamento, na manipulação e na maneira de comunicação e acesso aos textos anteriormente restritos apenas aos ambientes físicos de bibliotecas localizadas nos grandes centros (que

podem estar perto ou longe do leitor) ou nos rincões mais afastados do planeta.

Na internet, as bibliotecas virtuais e os grandes repositórios de textos e livros permitem ao pesquisar o acesso a uma infindável quantidade de informações que, anteriormente, não se tinha. A cada ano, a quantidade de publicações e o aparecimento de periódicos científicos online aumentam substancialmente, ao ponto de não sabermos, ao certo, por exemplo, o número de revistas científicas existentes. As estimativas variam muito: a página do SciELO permite o acesso a mais de mil periódicos científicos em textos completos. O Portal de Periódicos CAPES dá acesso a mais de 35 mil revistas científicas.

Apesar de todas as facilidades no acesso aos textos e a dinâmica interativa da leitura e da escrita propiciada pelo computador, muitas pessoas ainda são reféns do folhear o papel físico e do sentir o cheiro de um bom livro "velho". Outros aderiram ao texto digital, por propiciar leitura interativa e coletiva, em virtude das várias janelas hipertextuais multissequenciais que se podem abrir a todo o instante, fazendo com que a unidade de leitura se encaminhe rumo a novas e inesperadas conexões entre textos.

Ao lado dessas duas maneiras de acesso aos textos – impressos ou digitais

– existem os leitores e pesquisadores que imprimem os textos online para lê-los no papel. Seja qual for a sua predileção, os textos do dossiê que vocês – leitores da revista Mnemosine – terão acesso, a seguir, foram escritos por leitores-intérpretes que compareceram a bibliotecas no desafio de escrever, após revirar os seus acervos na busca de respostas a suas inquietações e indagações de pesquisa.

Os onze artigos que constituem o presente dossiê analisam, a sua maneira, diversificadas práticas culturais e políticas transmitidas por agentes que intervieram nos episódios e processos históricos que participaram, possibilitando-nos conhecer, após as investigações de seus autores, as representações de mundo, os conceitos, as linguagens, as conjunturas históricas e as suas mais diversas formas culturais e políticas, registradas em uma determinada historicidade.

Guiando-se pela lógica de que a produção textual está imersa em circunstâncias, incidentes e intencionalidades do autor, operadas, por exemplo, para ensinar e desenvolver um espírito de universalidade, o dossiê se abre com o artigo de Rubens Leonardo Panegassi (Universidade Federal de Viçosa, UFV), que contextualiza a produção do humanista português João de Barros e o seu posicionamento político frente ao contexto histórico existente no reinado de dom João III.

Ainda com ambientação em Portugal, Adriana Angelita da Conceição (Pós-Doutoranda em História pela

Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP) apresenta-nos a obra “O governador de praças”, de Antonio de Ville Tolozano, que serviu às discussões políticas travadas pelo vice-rei marquês do Lavradio durante seu governo no Brasil.

A fundação da Biblioteca Pública de Lisboa, em 1796, ocorrida durante a regência de dom João, serviu de mote para Juliana Gesuelli Meirelles (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-CAMPINAS) apresentar o bibliotecário régio Antonio Ribeiro dos Santos e discutir a circulação de livros particulares naquele período.

A seguir, Francisco Topa (Universidade do Porto, em Portugal) comenta a obra literária de João Mendes da Silva e descortina as suas indicações de leitura no contexto do Rio de Janeiro de finais do século XVII.

Encaminhando-nos rumo à América hispânica, chegamos a Clementina Battcock (Universidad Autónoma Nacional de México, UNAM) e Sergio Botta (Sapienza Università di Roma, Itália) que lançam luz sobre a guerra entre incas e chancas representada na obra “Historia del nuevo mundo” (1653), do cronista Bernabé Cobo.

Já Patricia Escandón (pesquisadora do Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe, CIALC, da Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM) apresenta-nos a obra “Historia general del Perú”, do frei Martín de Múria.

## JOÃO MENDES DA SILVA, UM JUDEU CARIOCA CONDENADO AO ESQUECIMENTO

Francisco Topa<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo aborda a figura do judeu carioca João Mendes da Silva (1659-1736), pai do dramaturgo António José, comentando a sua obra literária – quase toda inédita – e as indicações de leitura que ela revela no contexto do Rio de Janeiro de finais de seiscentos.

### Palavras-chave

Brasil; Barroco; Inquisição.

### Abstract

This paper discusses the figure of the Jew João Mendes da Silva (1659-1736), father of the playwright António José, commenting his literary work – almost all unpublished – and the indications of reading that it reveals in Rio de Janeiro at the end of the XVII century.

### Keywords

Brazil; Baroque; Inquisition.

O objetivo deste artigo é chamar de algum modo a atenção para uma figura interessante da intelectualidade luso-brasileira do final do século XVII e primeiro quartel de setecentos e que, por razões diversas, acabou por ficar esquecida. Trata-se do carioca João Mendes da Silva, marcado por uma tripla condição desfavorável: ser de origem judaica, ter sido obrigado a delatar um grande número de pessoas no decurso do processo inquisitorial em que se viu envolvido e ser pai de um dramaturgo *genial*, António José, que foi também mártir da Inquisição. Na verdade,

admitámo-lo ou não, o preconceito antissemita não está extinto e continua a pesar na historiografia e na crítica (literárias ou não), mais ainda quando se encontram razões, aparentemente objetivas, para tachar de covarde alguém com essa origem. Além disso, o ser pai de um filho muito valorizado – e não apenas no plano literário ou artístico – acaba por trazer mais inconvenientes do que vantagens: se impediu o completo silenciamento do nome de João Mendes da Silva, o facto é que também não suscitou nos investigadores interesse pelas suas composições literárias, ofuscadas à nascença pelo brilho das peças de António José. E, no entanto, o *génio* raramente brota do nada, o que poderia ter justificado uma atenção maior ao ambiente familiar em que se formou o dramaturgo.

Não é este ainda o trabalho que irá reparar essa eventual injustiça: o meu objetivo é mais modesto e consiste apenas em chamar a atenção para a figura e para os seus textos, problematizando o que está em foco no *dossier* desta revista: os livros e a leitura, no contexto do Brasil colonial.

Começemos então por uma breve síntese dos seus dados biográficos. Como escreve Diogo Barbosa Machado, João Mendes da Silva era “natural do Rio de Janeiro na America Portuguesa, filho de André Mendes da Silva, e Maria Henriques” (1759, IV, p. 168). Outros estudiosos, como João Lúcio de Azevedo (1932, p. 149), acrescentaram novos dados sobre os progenitores: André, o pai, era um comerciante originário do Alentejo – nascido no Crato, em 1624, de

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Professor Associado da Universidade do Porto (Portugal). E-mail: ftopa@letras.up.pt

acordo com Alberto Dines (1992, p. 175) –, ao passo que a mãe era natural de Lisboa. A ida para o Brasil terá ocorrido em meados de seiscentos (DINES, 1992, p. 175). Quanto à data de nascimento, ela deveria rondar 1656, admitindo como correta a informação de Barbosa Machado que o dava como falecido com 80 anos, a 9 de janeiro de 1736. Este dado viria contudo a ser definitivamente corrigido por Alberto Dines (DINES, 1992, p. 175), que, com base no assento de batismo da freguesia da Candelária, no Rio de Janeiro, situa o nascimento do pai de António José em 4 de julho de 1659.

Relativamente ao percurso escolar, diz o autor da *Bibliotheca lusitana* que estudou humanidades no colégio local dos jesuítas, obtendo o título de Mestre em Artes. Viria depois, em 1685 – com 26 anos, portanto, o que era pouco comum e demanda uma explicação ainda não encontrada –, para Coimbra, formando-se em Cânones seis anos mais tarde (MORAIS, 1949, p. 47).

Regressado ao Brasil, seria provido em 1698 no cargo de Procurador da Coroa e da Fazenda Real, conservando o cargo até ao seu encarceramento (DINES, 1992, p. 458). De acordo com José Maurício Saldanha Álvarez (2006), uma das suas funções era impedir que os senhores de engenho castigassem cruelmente os seus escravos, o que lhe terá valido uma série de atritos e dissabores. No mesmo ano, por provisão de 15 de fevereiro, foi também nomeado procurador dos índios de todas as aldeias do Recôncavo da cidade do Rio de Janeiro (DINES, 1992, p. 572-573).

A 25 de julho de 1699 (DINES, 1992, p. 564-565), casou com Lourença Coutinho, nascida no Rio de Janeiro em 1679 e, segundo Claude-Henri Frèches (1982, p. 19), filha de um cristão-novo local, Baltasar Rodrigues Coutinho, senhor de engenho. Desse casamento resultaram três filhos: Baltasar, nascido em 1700; André, em 1702; e António José, o futuro dramaturgo, em 1705.

O normal curso da vida de João Mendes da Silva seria interrompido em fevereiro de 1711: a 20 desse mês, segundo Claude-Henri Frèches (1967, p. 12), foi presa Lourença e, quatro dias depois, o bacharel, ambos acusados de serem cristãos-novos. Outros membros da família foram também envolvidos no processo, sendo todos remetidos para Lisboa em julho do ano seguinte. João Mendes, que seguiu no navio Madre de Deus, chegou à capital portuguesa a 10 de outubro de 1712, ao passo que Lourença, que viajou na embarcação Nossa Senhora da Candelária, chegaria no dia seguinte (AZEVEDO, 1932, p. 148).

Segundo os especialistas<sup>2</sup>, mais do que a origem e as eventuais práticas judaizantes da família, os inquisidores estariam motivados pela sua prosperidade, confirmada nos processos. Sobre o caso concreto do advogado João Mendes da Silva, afirma Paulo Roberto Pereira:

Conforme consta no inventário de seus bens confiscados, o cristão-novo fluminense João Mendes, conquanto não fosse dono de engenho, possuía uma partida de cultivo de cana-de-açúcar em São João de Meriti<sup>3</sup>, no Rio de Janeiro, com escravaria. Já como advogado, era possuidor de grande

<sup>2</sup> Cf. José de Oliveira Barata, 1998, p. 60.

<sup>3</sup> Alberto Dines refere que o partido se situava em Inhaúma, no engenho do cunhado Félix Corrêa de Castro Pinto de Bragança (1992, p. 408).

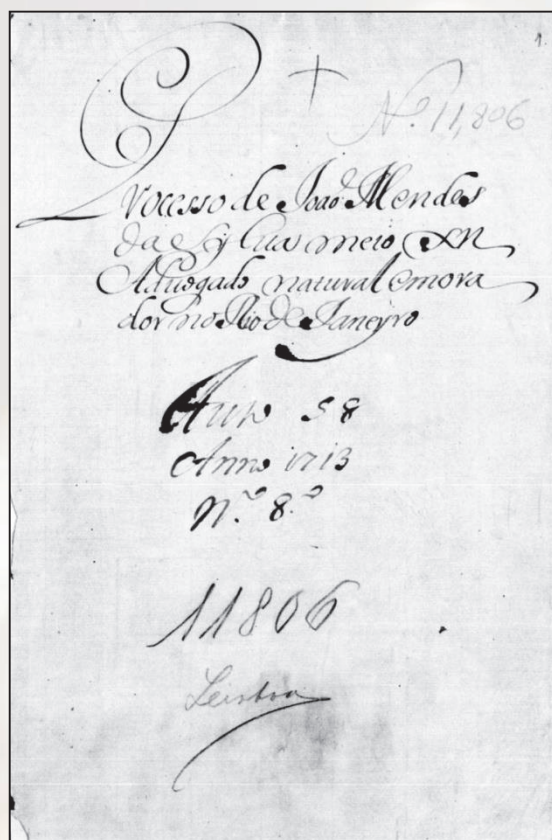
biblioteca para a época, 'que constava de cento e cinquenta e tantos volumes de direito, fora noventa e tantos livros de histórias e curiosidades' (PEREIRA, 2007, p. 21).

Depois de alguns meses nos cárceres inquisitoriais, ambos os membros do casal foram justicados no auto de fé de 9 de julho de 1713, realizado em Lisboa, sob a direção do cardeal Nuno da Cunha. Condenados a penas de abjuração, cárcere e hábito penitencial e confisco de bens, acabariam por sair em liberdade a 20 de julho (AZEVEDO, 1932, p. 157).

Contra o que talvez fosse de esperar, a família não regressa ao Rio de Janeiro, optando por permanecer em Lisboa, onde João Mendes passa a exercer advocacia. Oliveira Barata (1998, p. 63, nota), retomando o raciocínio de outros estudiosos, sugere que o facto de o bacharel não ter acompanhado cinco dos seus irmãos na volta ao Brasil se terá devido ao receio de represálias por parte de alguma das muitas pessoas que se vira obrigado a denunciar. Escreve também o mesmo investigador que as dúvidas sobre o

seu carácter são reforçadas pela circunstância de, pouco tempo depois, ter passado a advogar na Casa da Suplicação, um tribunal superior também conhecido por Tribunal da Corte.

Seja como for, a verdade é que João Mendes da Silva não voltaria a ser incomodado pelos inquisidores, ao contrário do que aconteceu com alguns dos seus familiares diretos. De facto, a esposa volta a ser presa a 8 de agosto de 1726 (BAIÃO, 1973, p. 184), acompanhada pelo filho mais novo, António José. Desta feita seria condenada, no auto celebrado na igreja do convento de S. Domingos a 16 de outubro de 1729, a degredo por três anos para o couto de Castro Marim (AZEVEDO, 1932, p. 185). Anos mais tarde, seria de novo penitenciada, desta vez a cárcere a arbítrio, no auto de fé de 18 de outubro de 1739, realizado na mesma igreja. Quanto a António José, é bem conhecido o seu martírio, concluído nesse ano de 1739.



Folha de rosto do processo inquisitorial de João Mendes da Silva  
(Torre do Tombo, TSO, IL, 11806)

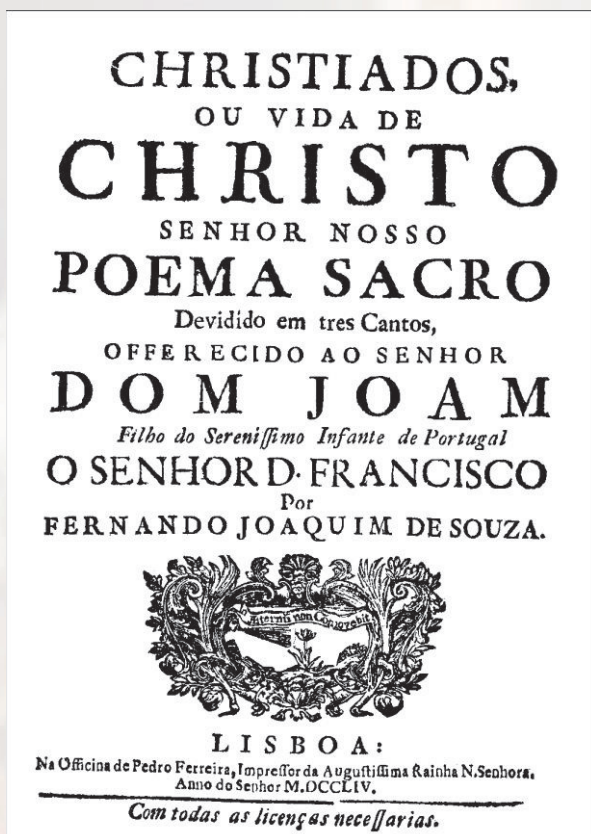
Da biografia de João Mendes nada mais se sabe, a não ser a data da morte, fixada por Barbosa Machado (1759, IV, p. 168) em 9 de janeiro de 1736, em Lisboa, aos 77 anos portanto, segundo a data de nascimento apurada por Alberto Dines.

Relativamente à sua obra literária, as referências são escassas, embora não se trate de um escritor completamente desconhecido. É mencionado pelo autor da *Bibliotheca lusitana*, que o dá como "dos mais insignes Poetas do seu tempo, como testemunhão as suas metrificações suaves, cadentes e conceituosas". Segundo o bibliógrafo, João Mendes da Silva seria autor de quatro composições, todas inéditas: o poema lírico *Christiados. Vida de*

*Christo Senhor Nosso*; as traduções em verso *Officio da Cruz de Christo* e *Hymno de Santa Barbara*; e o poema em oitava rima *Fabula de Ero*, e *Leandro*. Informações posteriores – de Inocêncio Francisco da Silva (1859, II, p. 273-274), Rubens Borba de Moraes (1969, p. 363-365) e Alberto Dines (1992, p. 564-565) – confirmam a autoria do primeiro texto e mostram que ele chegou a ser publicado, em 1754, postumamente portanto, embora com uma estratégia de ocultação do autor: o Fernando Joaquim de Sousa indicado na folha de rosto seria um pseudônimo do advogado carioca. Nas pesquisas que tenho desenvolvido nos últimos anos, pude localizar três versões manuscritas deste longo poema, o que

testemunha a sua relativa  
popularidade e confirma em  
definitivo a autoria do pai de António

José da Silva: numa das miscelâneas  
o texto vem atribuído ao "D.<sup>or</sup> João  
Mendes da Sylva".



Como o anuncia o subtítulo, trata-se de uma "Vida de Cristo Redentor Nosso dividida em três partes, que contém os Mistérios Gozosos, Dolorosos e Gloriosos dedicada à Sacratíssima Virgem do Rosário por um seu devoto e indigníssimo servo". Independentemente da possível *sinceridade* do autor – questão de resto sem grande pertinência –, é visível uma grande cultura e erudição bíblica, patrística e litúrgica. São constantes as citações em forma de notas colocadas ao lado do texto poético, servindo de suporte à narração da vida de Jesus. Predominam claramente as

passagens da Bíblica, sobretudo do Novo Testamento, mas são também citados hinos e ofícios litúrgicos vários, em latim, assim como techos dos *Sermones* de S. João Crisólogo, das *Confesiones* de S.<sup>to</sup> Agostinho, das *Homiliae* de S. Gregório Magno e ainda de autores clássicos como Virgílio, através de *Georgicon* e *Aeneis*.

Para avaliar com seriedade o significado de todas estas referências seria necessária uma formação em estudos teológicos que eu não possuo e um melhor conhecimento do modelo educativo praticado no colégio dos jesuítas do Rio de Janeiro. De qualquer modo,

admitindo que a obra é anterior a 1712 e que foi escrita na cidade natural do autor, há duas questões que devem ser colocadas: seria comum que um cristão-novo tivesse acesso a este tipo de cultura com o grau de profundidade revelado em *Christiados*? Se sim, de que maneira? A investigação desta matéria poderá revelar outras particularidades do modo de sobrevivência das comunidades de cristãos-novos no Brasil colonial que não aquelas mais habitualmente referidas pela historiografia.

Quanto aos restantes poemas sacros referidos por Barbosa Machado, é o próprio João Mendes da Silva – secundado depois por várias testemunhas – quem os refere no decurso do processo inquisitorial<sup>4</sup>: nas suas palavras, seria seu um “Romance devoto á SS.<sup>a</sup> Crux” (f. 44v), bem como traduções em verso do “Lymno [sic] de S.<sup>ta</sup> Barbara, e o Simbolo de S.<sup>to</sup> Athanazio, e o off.<sup>o</sup> da S.<sup>ta</sup> Crux”, “p.<sup>a</sup> o uso de sua familia, e parentes, e o deu tãobem a m.<sup>tas</sup> pessoas estranhas.”. Apesar destas atestações, estes últimos textos não chegaram a ser publicados, o que não impediu contudo o comentário de vários estudiosos, a começar por Varnhagen, que avaliou assim a sua provável motivação:

Notamos que na maior parte dos assuntos se contém, pelo menos nos títulos, a não serem paródias, profissões de fé anti-judaicas. Dedicar-se-ia ele, pois, a tais composições, só para que o não perseguissem? É certo que João Mendes morreu advogado da Casa da Suplicação, quando a mulher e o filho sofriam os tratos dentro da Inquisição. Se as tais obras foram compostas para defender-se das

perseguições desta, desculpemos-lhe a hipocrisia; mas cremos que não seriam elas obras de inspiração, porém poesias de cálculo; e em tal caso a perda de tais manuscritos não deve muito lamentar-se. (VARNHAGEN, 1987, tomo I, p. 57)

No mesmo sentido, mas aparentando ter lido os textos, se pronuncia José de Oliveira Barata, que coloca lado a lado um “interminável processo de delação” e a “não menos espectacular” escrita de “maus versos repassados de ortodoxa religiosidade” (BARATA, 1998, p. 60). Num caso e noutro temos a avaliação mais do homem que dos poemas, sendo o primeiro discretamente criticado pela alegada falta de sinceridade dos segundos. Esta atitude parece revelar alguma incapacidade de compreender tanto a natureza da poesia quanto a situação de um judeu no mundo luso-brasileiro de inícios de setecentos.

Em pesquisas que venho desenvolvendo em bibliotecas e arquivos sobretudo de Portugal, tive oportunidade de localizar alguns dos textos em causa, que espero poder editar em 2015. Para além de *Christiados*, localizei o romance à Cruz de Cristo e a tradução em verso do Símbolo de Santo Atanásio. Da tradução do Hino de Santa Bárbara e do Ofício da Cruz de Cristo não encontrei até hoje sinais, o mesmo se verificando com a *Fábula de Ero e Leandro* mencionada por Diogo Barbosa Machado. Quanto ao seu interesse estético, pode dizer-se que os versos nem sempre serão bons, o que não significa que devam ser rejeitados em bloco, com a sobrançeria preconceituosa que muitas vezes despreza o barroco literário luso-brasileiro. Não podemos

<sup>4</sup> Torre do Tombo, TSO, IL, 11806. Disponível em: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=2312004>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

de resto esquecer que, no quadro em que o autor se moveu, constituem um importante indicador de cultura, literária e católica. Além disso, constituem um documento de uma triste página da história que não pode ser queimada.

Voltemos contudo à questão principal que motiva este artigo: as indicações de leitura que podemos perceber na obra deste bacharel carioca. De um segundo grupo de textos literários inéditos<sup>5</sup> que encontrei, destaca-se um tratado em prosa incluído no Ms. 1407 da Biblioteca Pública Municipal do Porto. O volume é uma miscelânea literária, constituída sobretudo por poemas do período barroco, não apresentando data nem folha de rosto. O escrito do pai de *o Judeu* é uma tentativa de resposta a um enigma poético em forma de soneto que deve ter surgido em Lisboa no primeiro quartel do século XVIII. Significa isto que a sua redação deve ter ocorrido já em Portugal, em data incerta, mas posterior à libertação do autor dos cárceres inquisitoriais. Na versão que precede o texto do advogado carioca, a adivinha apresenta-se assim:

Qual é a cousa no mundo mais amada  
que todos em geral aborrecemos?  
Todo o bem que nos dá por mal o  
temos,  
e tudo que nos dá redonda em nada.

Do grande e do pequeno desejada,  
navegação com velas, mas sem  
remos;  
dos olhos corporais já nunca a vemos,  
nem foi de ninguém vista nem  
achada.

Não é pau, nem é pedra, ar, nem  
vento,  
não é cousa criada nem nascida,  
não é memória, voz, nem  
pensamento;

em cada um de nós anda escondida,  
de sorte que sem ela um só momento  
não pode conservar-se a própria vida.

Enigmas como este são relativamente comuns no período<sup>6</sup>, mantendo-se a sua popularidade até ao final do século XIX, segundo se pode ver pelos almanaques e jornais. Como é característico do género, o registo metafórico e a aparência paradoxal ou oximórica tornam a resposta muito difícil, assim se justificando o sucesso do poema e o grande número de tentativas de resolução, também em verso, que suscitou<sup>7</sup>. Entre os resultados propostos encontram-se *idade* e *felicidade* ou *fortuna*, havendo no grupo de participantes no desafio figuras importantes da literatura da época, como Francisco Leitão Ferreira (\*1667 †1735?), o Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses (\*1673 †1743) e Tomás Pinto Brandão (\*1664 †1743), poeta natural do Porto que viveu algum tempo no Brasil, onde foi companheiro de Gregório de Matos.

A solução proposta por João Mendes da Silva é um tanto diferente: num registo sério e erudito, defende o *amor* como resposta e, ao contrário de todos os outros textos que encontrei, usa a prosa em lugar do verso. Este caso é também incomum pela sua natureza de exercício de argumentação que testemunha uma sólida cultura literária, mesmo que admitamos que o autor se terá valido de instrumentos auxiliares, como antologias e outras compilações características da época.

<sup>5</sup> Entre eles, 14 poemas que publiquei em Topa, 2002.

<sup>6</sup> Sobre o tema, vd., Ana Hatherly, 1988.

<sup>7</sup> Cf. TOPA, 1999, p. 164 e ss.

Apenas a título de exemplo, vejamos uma das engenhosas razões aduzidas pelo advogado carioca:

*Qual é a cousa no mundo mais amada?*

Que é? É o amor, e para mostrar a verdade desta resposta, será necessário primeiro mostrar qual é no mundo a cousa mais aborrecida; porque, como dos contrários é a razão de oposição a mesma, conforme ensina a Filosofia, conhecida que é a cousa mais aborrecida, conheceremos logo qual é a cousa mais amada, o que melhor se conhece pelos contrários opostos.

Digo pois que o amor e o ódio são *ex diametro* opostos e contrários, o que ninguém pode negar, e como o ódio é a cousa mais aborrecida, fica evidente que o amor é a cousa mais amada; pois tanto se opõe o ódio ao amor como o aborrecer ao amar.

Outra das estratégias argumentativas consiste no recurso à citação, como forma de respaldar as afirmações que vão sendo feitas. Uma vez mais surpreende a sua quantidade e a sua diversidade, num homem que – tendo possuído no Rio de Janeiro uma biblioteca considerável – fez a parte mais importante da sua formação cultural no Brasil e não corresponde ao perfil mais comum do que habitualmente consideramos um literato. O autor mais vezes citado é Camões, com um total de 33 referências, feitas aparentemente com base na edição, pouco comum, de 1598 das *Rimas*. O segundo é o espanhol Luis de Góngora, com 18 menções, a partir

da edição de 1654 de *Todas las Obras*. Há depois, com um número muito menor, uma série de outros autores que escreveram em castelhano: Agustín de Salazar (quatro citações), Francisco de la Torre (três), Jerónimo de Cáncer (duas) e Calderón de la Barca, Luis Carrillo, Gaspar Mercader e Antonio de Solís (todos com uma). A terceira língua presente neste tipo de recurso é o latim, através de duas referências da Bíblia, três de autores clássicos (Horácio, Ovídio e Propércio, este último de forma indireta) e cinco de autores quinhentistas ou seiscentistas: Andrea Alciato (uma), John Owen (três) e Ottavio Tronsarelli (uma). Note-se que a obra deste último – *Ianus quadrifrons poëticus Octavii Tronsarelli* –, publicada em Roma em 1639, era (e continua sendo) bastante rara, o que confirma o perfil pouco comum do advogado carioca.

Concluindo, vale a pena recuperar esta figura de João Mendes da Silva, que conseguiu escapar das fogueiras inquisitoriais mas acabou sendo condenado a um esquecimento injusto. Se os seus méritos literários não ultrapassam a mediania do período barroco, constituem contudo um importante indicador de cultura e de leituras no Rio de Janeiro de inícios do século XVIII, fornecendo também indicações preciosas sobre o ambiente em que se terá formado António José, o *genial* dramaturgo.

## Referências

- ÁLVAREZ, José Maurício Saldanha. 'No meio do caminho tinha um vulto': biografia transversa do juiz especular que foi o pai de Antônio José da Silva, o 'judeu'. *Espéculo: Revista de Estudios Literarios*, Madrid, v. 31, 2006.
- AZEVEDO, J. Lúcio de. *Novas epanáforas: estudos de história e literatura*. Lisboa: Clássica, 1932.
- BARATA, José de Oliveira. *História do teatro em Portugal (século XVIII)*: António José da Silva (O Judeu) no palco joanino. Lisboa: Difel, 1998.
- DINES, Alberto. *Vínculos do fogo: António José da Silva, o Judeu, e outras histórias da Inquisição em Portugal e no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FRÈCHES, Claude-Henri. *António José da Silva et l'Inquisition*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro Cultural Português, 1982.
- HATHERLY, Ana. O divertimento proveitoso: enigmas barrocos portugueses. *Colóquio / Artes*, Lisboa, v. 76, p. 5-13, 1988.
- MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca lusitana, historica, critica, e chronologica*, na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compozeraõ desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente; por Diogo Barbosa Machado, Ulyssiponense, Abbade Reservatario da Paroquial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico do Numero da Academia Real. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759. t. 4.
- MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial: catálogo comentado das obras dos autores nascidos no Brasil e publicadas antes de 1808*. São Paulo: IEB-USP, 1969.
- MORAIS, Francisco. Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil. *Brasília, Coimbra*, v. IV, 1949. Suplemento: Publicação Comemorativa do Quarto Centenário da Cidade do Salvador.
- SARAIVA, António José. *Inquisição e cristãos-novos*. Lisboa: Estampa, 1985.
- SILVA, António José da. *El prodigio de Amarante: comédia famosa*. Édition critique, introduction, notes et glossaire de Claude-Henri Frèches. Lisbonne; Paris: Livraria Bertrand; Les Belles-Lettres, 1967.
- SILVA, António José da. *As comédias de Antônio José, o Judeu*. Introdução, seleção e notas de Paulo Roberto Pereira. São Paulo: M. Fontes, 2007.
- SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. v. 2.

TOPA, Francisco. Poesia inédita do brasileiro João Mendes da Silva. *Revista da Faculdade de Letras: línguas e literaturas*, Porto, v. 19, n. 2, p. 301-327, 2002.

\_\_\_\_\_. *Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos: Vol. II: edição dos sonetos: anexo: sonetos excluídos*. Porto, 1999.

VARNHAGEN, F. A. de. *Florilégio da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1987. t. 1.